

ÍNDICE

RESUMO | RESUMEN | RESUM | ABSTRACT | 02

INTRODUCCIÓN | INTRODUÇÃO | 13

CAPÍTULO I A CRISE DO OCULARCENTRISMO DA CULTURA OCIDENTAL: EMERGÊNCIA DA VISUALIDADE HÁPTICA NA PERCEÇÃO DA IMAGEM ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA | 56

1.1. DO PERSPETIVISMO CARTESIANO À CRISE DO OCULARCENTRISMO | 58

1.1.1. O ocularcentrismo | 58

1.1.2. A perspectiva de Alberti | 61

1.1.3. Descartes e a matematização do mundo | 62

1.1.4. O sujeito moderno e a ampliação da visão | 67

1.2. VISUALIDADE E ESPAÇO HÁPTICOS: DAS IMAGENS ÓPTICAS ÀS IMAGENS HÁPTICAS | 79

1.2.1. Visualidade háptica | 79

1.2.2. As imagens ópticas e hápticas de Riegl | 82

1.2.3. O modelo de espaço háptico de Deleuze e Guattari | 85

CAPÍTULO II. IMAGEM-CORPO | 91

2.1. MERLEAU-PONTY: FENOMENOLOGIA E EXPERIÊNCIA PERCETIVA | 92

2.2. O CORPO COMO SENTIDO PRIMÁRIO | 98

2.3. A NOVA CENTRALIDADE DO CORPO E DAS SENSACIONES NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS | 104

CAPÍTULO III. VISUALIDADE HÁPTICA EM PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS | 113

3.1. NOVOS HIBRIDISMO NA ARTE CONTEMPORÂNEA. POÉTICAS DIGITAIS, MEDIA ARTE E A EMERGÊNCIA DA ESTÉTICA HÁPTICA | 114

3.2. OS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA ESTÉTICA HÁPTICA | 120

CAPÍTULO IV. DA IMAGEM-INTERFACE AO CORPO-INTERFACE | 136

4.1. DA IMAGEM À INTERAÇÃO. BREVE APONTAMENTO SOBRE A INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR | 137

4.2. IMAGEM-INTERFACE: ARQUEOLOGIA DOS DISPOSITIVOS DE INTERAÇÃO HÁPTICA | 145

4.2.1. Interfaces gráficas | 148

4.2.2. Paradigma post-WIMP | 151

4.2.3. Interface multimodal | 153

4.2.4. Interface háptica | 156

4.2.5. Interface tangível | 162

4.2.6. Interface enactive | 164

4.3. CORPO-INTERFACE: AGENCIAMENTOS TECNOLÓGICOS DO CORPO NO DOMÍNIO DA MEDIA ARTE | 172

4.3.1. A fenomenologia da obra-interface | 172

4.3.2. Emergência do sujeito percetivo e sensorial | 174

4.3.3. Os novos aparelhos de codificação sensorial | 177

4.3.4. Máquinas sensórias | 179

4.3.5. Corpo-interface | 181

4.4. CORPOS HÍBRIDOS: ENTRE O BIOLÓGICO E O ARTIFICIAL. A ESTÉTICA DO CORPO OBSOLETO | 184

CAPÍTULO V. VÍDEO HÁPTICO: A VISUALIDADE HÁPTICA NAS PRÁTICAS DA VÍDEO-ARTE | 195

5.1. AS CIRCUNSCRIÇÕES VÍDEO-INTERFACE | 196

5.2. A GÊNESE DO DISCURSO HÁPTICO NA VÍDEO-ARTE | 203

5.2.1. Surgimento da vídeo-arte | 203

5.2.2. Diálogos e fronteiras entre o cinema experimental e a vídeo-arte | 205

5.2.3. Cinema expandido | 207

5.3. VÍDEO-HÁPTICO COMO PRÁTICA DA VÍDEO-ARTE | 213

5.3.1. O regime háptico do vídeo | 213

5.3.2. Híbridismos e a deshierarquização dos sentidos | 214

5.3.3. A interatividade em vídeos tangíveis | 219

5.3.4. O devir vídeo-corpo: uma perspectiva fenomenológica | 222

5.3.5. Ruidos, fragmentação e desterritorialização | 226

5.3.6. Trans-sensorialidade do vídeo-háptico e o seu caráter sinestésico | 228

5.4. ESGRAVATAR A «COVA DE KUTUMBEMBEM». PERCEÇÃO HÁPTICA NA OBRA DE MITO ELIAS | 233

CAPÍTULO VI. TABANKA CORPUS. EXPLORAÇÕES EM VÍDEO-HÁPTICO | 240

6.1. TABANKA CORPUS | 241

6.1.1. Altar virtual da tabanka | 243

6.1.2. “Busca santo” - corpos em cortejo | 245

CONCLUSÃO | CONCLUSIONES | 247

BIBLIOGRAFIA | 262